

Meu querido Cruz.

2, Julho 1884.

Rio de Janeiro.

Minha brasileira caríssima esvoaça em torno de mim, clamando-me a pelle com uma boaa de velludo, e' uma caricia que vem da mulher amada, repete durando no ar forma de bases acinzentadas, de alho verde, de sorriso jovial, de esballeira fulva, contorno de mulher e aueos e quadris de femina abundante e fecunda. O sol abrim no ar como um perfume maduro esmagado, que se derrama e respingando, todo um campo que de luz viva e intensa colore de ouro as brumas que, em estenua pactos de algodão alvejado, voam, como albornozes dispersos no ar, pela fraldada do monte e pela superfície do valle. Faz frio. E eu me levo e eu saio e fa' dentro de mim um cantinho a um extraordinaria desta paixão que me divisa, e desde o romper da luz viver e alarmante da autonomia alta noite esturna e regada, cheia de badalada de cathedra e de profundo mysterio com estrellas e luctura no firmamento, esse que adoro, esse que me acende e incendeia no coração e me estremecer o organismo vibrando gargalhada e salta na minh'alma como fauça mítica de leões, búfalos, tigres e hippopotamios, ^{metallado pelo ar} essa mulher, canto e vive em mim.

Este amor e' como um grande rio silencioso ~~representado~~ ^{representado} através de flôrulas seculares, com crocodilos nadando e raios de prata do luar dentro d'agua como punkas ~~de~~ venerianos.

Comunico-te isto por modo. Para saber as minhas ~~representações~~ ^{representações} na vida, eubretando, cada vez mais sinto essa mulher no coração, cheia de belleza, com uma lettra do banco onde

